

Rua Grande 1

Caros poetas, o tema da Rua Grande nº 2 será: música e poesia.

Envie seus poemas para editorialruagrande@gmail.com

até dia 1 de março de 2020.

poemas da capa: Akemi Korusu

“Deixe-me usar meus dedos mágicos...”

Luciano Homem de Barro

... isso dizia ela, fazendo cara de boba, em prosa, mas sem saber fazia uns versos truncados. Ela não falava de literatura – ela sabia fazer verso com medida –, nem se referia às notas do computador, mas a seu talento de enrolar cigarros. Os dedos de pianista, longos e com as unhas cortadas; enrolou a bomba com apenas uma das mãos, enquanto conversava comigo. Foi assim que a Akemi Korosu me convenceu a escrever a abertura da Rua Grande, uma ideia dela e de mais nove escritores – Gabriel Kolyniak, Matheus Bueno, Wagner Corsário, Juliana Bruno, Bruna Weidt, Samael, Ana Maria Isabell e o Luiz Rupestre, nosso representante internacional, diretamente de Portugal –. Além dos oito, tem o meu amigo Seraphim, quem me apresentou todos eles; eles são os poetas que o Seraphim vem editando, desde o ano passado, 2018, na coleção Polifemo, uma coleção de livros e plaquetes.

As drogas são o tema do número um... vejam só, encontro, em Roland Barthes, a seguinte menção às drogas:

Sem que a gente mesmo fume (ainda que fosse apenas pela incapacidade brônquica de tragar a fumaça), como ficar insensível à benevolência geral que impregna certos locais estrangeiros onde se fuma o *kif*? Os gestos, as palavras (raras), toda a relação dos corpos (relação, no entanto, imóvel e distante) é distensa, desarmada (nada a ver, pois, com a embriaguez alcoólica, forma legal da violência no Ocidente): o espaço parece antes produzido por uma ascese sutil (às vezes se pode ler nela certa ironia). A reunião de fala deveria, parece-me, buscar esse suspense (pouco importa de quê: é uma forma que é desejada), tentar alcançar uma *arte de viver*, a maior de todas as artes, dizia Brecht (esta visão seria mais dialética do que se julga, porque obrigaria a distinguir e a avaliar os usos da violência). Enfim, nos limites mesmos do espaço docente, tal qual é dado, tratar-se-ia de trabalhar para tragar pacientemente uma forma pura, a da *flutuação* (que é a própria forma do significante); essa flutuação nada destruiria; contentar-se-ia com desorientar a Lei: as necessidades da promoção, as obrigações do ofício (que nada impede desde então de honrar escrupulosamente), os imperativos do saber, o prestígio do método, a crítica ideológica, tudo está aí, *mas a flutuar*.

Isso está em *O rumor da língua*, é o final do texto “Escritores, intelectuais, professores”, por isso Akemi sussurrava, quando me dizia se a língua trabalhasse bem melhor se estivesse chapada. A bem da verdade, meu caro leitor, tudo se resume a qual dos lados da medicina você pretende ficar, uma vez que a vida também se mede pela largura: a largura dos ombros, na hora de sair da toca... o tamanho da cabeça, quando você encontrar as orelhas além da largura dos ombros... “minhas duas carreiras, que começam tão bem”, completou a poeta, referindo-se à poesia e à hora de já ir embora, rapidamente.

Rua Grande número 1 conta com seis convidados especiais, os poetas Ricardo Escudeiro, Jeanine Will, Robeto Bicelli, Ademir Assunção, Lu Venegas e Jaa Torrano.

São Paulo, 27 de setembro de 2019

Matheus Bueno

Carreiras do Yagé

I – Yagé e Rapé

Ao som do clarinete o céu fica dourado
a grama fica povoada e o profeta se
dirige à Mercabá munido do vinho
e da sabedoria desta mata brasileira
desbravando como um índio os
quatro cantos desta terra, olha pro
céu e vê através das nuvens as estrelas
prometidas, o vermelho dos tijolos da
casinha permanece sambando até
lhe soprarem o rapé para trazer este
Profeta do seu transe.

II – A rocha

Rocha
terceira pedra no centro da
testa
famintas sinapses — centeio
vingado —
cercado de nada
primórdio mirado num
lapso — desmaio
calado — sem antes viver
a certeza na dúvida —
auspícios covardes
e um cisma sedado
meu vício confirmo
convicto.

Carregados sob a Luz verde

seguiam a luz verde
e rumo ao horizonte
buscavam acampar

com fármacos na bolsa

e muitas ingeridas
no limiar do ano
sem rumo definido

com fármacos na bolsa

buscavam pela gruta
côncava de Calipso
à escarpa do horizonte

com fármacos na bolsa

viam luzes costeiras
tão distantes na orla
repleta de cardumes

com fármacos na bolsa

e mergulhei sem medo
entre pedras, mariscos
e o perigo da morte

com fármacos na bolsa

que não assombra os loucos:
a verdadeira crema
carregavam na mochila.

Educação pela Droga ou a Criptogamia Cavernícola do Crânio

Uma educação pela droga:
por etapas; para aprender da
droga, ser frequentado por
ela; captar uma ideia, de tantas,
obsessiva [um(a) fin(a)
começa a escrita].

A lição dos caretas, sua resistência
ao que tropeça e a tropeçar
maliciado, rejeita;
a poética, sua loucura intangível;
pouco econômica e circular:
lições da droga (de dentro pra fora,
respiro mudo) pra quem sabe usá-la.

Outra educação pela droga: na
cidade (de fora pra dentro,
e ligeira).

Na cidade a droga não sabe se
comportar, se porta, e se
comportada não produz nada;
lá não se aprende a droga: o
oposto, uma droga de
presença estranha o crânio.

(in)ó(s)pi(t)o

Não durmo nem aguardo dormir
meu sono neste estado se confunde
com a morte.

Não durmo; não leio; não falo; não
escrevo e quando acordo nem posso sonhar
ou pensar.

Não durmo, jazo, suspenso, sentindo
o coração bater na testa e o pensamento
se esvair vazio por mim que transtornado
me arrependo até do que não fiz,
sem força ou energia até para acender

se abastecido o poeta não dorme –
nem espera Morfeu se já fora
suprido em outras jornadas –, ornado
pela mesma crema do bagulho; conforme
ela acelera o raciocínio além do
corpo; a ideia além do ritmo; a rima
além do verso, um sonho representa o
coma...

Ah! o ópio me fazia outra pessoa!
e se morria num instante eu percebia
o todo num instante vazio e dormia
sem saber se dormia;
mas aqui elas passam por mim e
arrependido me assumo culpado
sem sono que aplaque.

Carruca reflete sobre a loucura sentida pelo excesso.

I

Por que tanta loucura, Carruca?

Não basta uma dose
não basta uma droga
pra que tudo isso
senão para ao fim
desvendar o mistério
da razão do problema
que o poeta acomete:
mistura ou excesso?

II

The pusher shall be blessed
I remember my pusher, a junkie painter

III

Nem lembro quando dei partida
nesta imprevisível jornada de
escrever e traduzir.
O dia em duas horas há de vir e cá estou,
tecendo qualquer coisa que minha louca
mente, esqueci a palavra, consiga articular
em verso.
Espero superar a queda que virá
ao saber que não chapei em vão
e que depois de um par de anos consegui
de novo fazer uso produtivo deste
fármaco dos Andes.

IV

Me leve deste pó, Senhor,
me leve pros limites que não
vejo enquanto houver mais uma;
me leve destes
trinta meses corrosivos,
das overdoses que não cabem nos meus dedos nem no
verso mais comprido
que eu fizer; me leve para o tempo que perdi na
rebordose totalmente inútil e grosseiro; me leve para a
escrita sóbria, para a bebedeira, e para o sono e a fome
me leve deste fármaco e
também daquele de Morfeu.

V

Talvez meu modo de vida seja
um suicídio indireto mesmo, nem
Ginsberg levava a vida de modo
tão corroído como eu levo
talvez devesse trocar a coca pelo MD
talvez devesse trocar o cigarro pelo tabaco
talvez devesse trocar o prensado pela flor
talvez devesse trocar o opióide pelo ácido
talvez devesse trocar...
talvez devêssemos trocar a guerra pelo Cosmos

VI

Tenho vontade de lavar a mente
abrir a boca novamente sem parar
na minha ocupação original
e distrair o pensamento no papel.
O absurdo sucede o excesso
sem controle sinto a morte
no meu cérebro tão farto de cansar-se.
A minha vida muda-a eu ou deus me finde
nasci para a escritura questionar
mas falta-me o sossego e sobra
ansiedade.

Wagner Corsário

história em quadrinhos

enquanto isso
o homem folha fuma
vira fumaça
e
o homem farinha se espalha
.....
bicudo

rock'n'roll

gosto das cantoras magras
namoradas das drogas

o corpo em forma de vírgula
tempo para pensar

o tempo do fumo
confuso enquanto dura

o tempo da coca
muito rápido

álcool evapora vagamente

* * *

nem velho para o rock, o cúmulo, a coca
nem moço demais para a cova
apenas na hora de ouvir uns tangos

* * *

hora da bomba
hora da bronha
hora de dormir

Juliana Bruno

Vinho

imagine só, quando imagino
vou pela sombra, vou pelo som
murmúrio, subo pelas paredes
sobe por minha cabeça, CHI
sentinela sem noção, sem sombra
de dúvida, dessa vez vou dançar
descalça nesse barril de uvas

I Ching com John Cage

ontem
eu comi um cogumelo
e foi como se eu ouvisse
ao mesmo tempo
vinte e quatro prelúdios e fugas
do cravo bem temperado

Bruna Weidt

Controlado-Remédio

Para, pensa, reflete
depressão
fluoxetina.

Para, pensa, reflete
obsessão-compulsão
maleato de fluvoxanina.

Para, pensa, reflete
ansiedade
clonazepam.

Para, pensa, reflete
hiperatividade
dimesilato de lisdexanfetamina.

Para, pensa, reflete
alteração de humor
lamotrigina.

Para, pensa, reflete
mania
aripiprazol.

Para, pensa, reflete
psicose
quetiapina.

Para, pensa, reflete
insônia
zolpidem.

Para, pensa, reflete
suicídio
todos juntos.

Ah! Eis que foi somente uma overdose
recomeçamos o círculo cíclico
continuo sendo disco de vinil...
arranhado, sempre, em sofrimento!

Cabernet-Syrah: mera tentativa

*Cavaleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sanguenta na mão?
Por que brilham teus olhos ardentes
E gemidos nos lábios frementes
Vertem fogo do teu coração?
Álvares de Azevedo*

Composição descomposta composta desposição
eu gosto da forma sem todo eu gosto do todo com forma eu gosto d'arte sublime entre terror ou horror
bebo do menos desesperador.

Se chegasses tu com uma garrafa de líquido incerto, cor púrpura
te perguntarias: ora que tens?

“Eu, cavaleiro do caos taciturno: uma dose de terror e horror
aquele que em tua garganta melhor descer, és teu, o outro, vira germe como tal, põe na tu' alma uma
latente
semente mista: horror ou terror
sabes tu qual tens em demasia?
Se não, caso a ti pairou uma centelha
de dúvida: me acompanha e vira
ou quem tu foste ou quem tu podes ser.”

Nesta escolha o final é sempre igual pois lembra-te: antes do primeiro gole terror ou horror: perderão a
rima
se fundirão em significado.

Papéis...

Pedra, papel, tesoura:
Bote um em cada situação

O papel da pedra não é o papel da tesoura e a pedra da tesoura não é a pedra do papel e a tesoura do papel não é a tesoura da pedra.

Cada um em uma situação
Ao início: um-a-um
Ao fim: mexidão?

Pedra, papel, tesoura:
Pedraria, papelaria, tesouraria?

Pegue, doutor, esta tesoura e corte minha singularíssima pessoa.
Pegue, doutor, esta pedra e derrube minha singularíssima cratera.
Pegue, doutor, este papel e estique minha singularíssima linha.

A pessoa da cratera não é a cratera da linha e a linha não é a pessoa da cratera e a cratera não é a linha da pessoa e a pessoa não é a cratera da linha.

Branca, se óptica, negra, se cromática
Do gesto ao ato: insufla e mata.

Anúncio

Ina, Ina, mas que porra de latrina
sei bem que Ina quero em minha narina
Ina, já te amei,
Ina, já te provei,
Ina, já te degustei,
Ina, já te gengivei,
Ina de ti já me martirizei.

Estico uma singularíssima linha
desenhada de Ina
Ina, és tu minha musa?
Achei que fosse Laura, quando me finjo em Petrarca.
Ina, és tu meu combustível?
Achei que fosse cafeína, quando me finjo na Academia
Ina, quem és tu?

És *phármacos* viciante, *phármacos* oxidante
ora, haveria o corpo de ser básico?
Pois de toda me oxido, por ti, Ina!
Melhor que morfina, superior à heroína
te chamo de minha!

Ilha do Mel!

Eia! Pois que na Ilha do Mel, pensei em papel!
Sem papel, não escrevo
Sem escrita, como
Mas se como, não escrevo.

A comida lipídica amarela o papel
O qual se põe em cor-de-mel
Somente escrevo sobre papel branco
O translúcido, óptico e cromático papel.

De posse de um puro papel
Rico em cristais de celulose
A caneta dança sobre o papel
Agora que tenho papel, um Deus dança em mim
Parece-me que o papel se escreve
Circunscrevendo-se em versos, estrofes, rimas e ritmos de papel.

Papel peripatético, meu septo espirra sob papel
Papel-velho, papel-reciclado, papel-pergaminho, papel-pedra
Este papel eu quebro: graphós
Estico as linhas de papel sobre grãos de areia
Papel-areia: o mar lho banha, o septo se inunda.

ATCHIM!

Voei de papel na Ilha do Mel.

Samael

encolho-me no velho casaco
o sopro é gelo, esses objetos objetivos
metade matéria, metade antimatéria

o frio é apenas questão de graus
entre tantos outros, posso ser zero,
absoluto através de tudo, todo de preto

pareço de luto, mas é militância
sei de cor um sutra, aquele que reclamo agora,
– hora de dar o fora daqui? –

caminhar ao lado da boca de lobo
seu vapor, logo de manhã, é névoa branca
os fantasmas do lixo sabem subir

rios afluem dali, a inquietação discreta das nascentes
tragédias em cada gota
acúmulos de nuvens no céu lembram do chumbo

a bomba, acabei de acender, trago em minha mente;
seiva vegetal corre no pau de ferro, próprio dos trilhos...
já não me lembro de nada

névoa e detrito, olho da ratazana brilha
no escuro do esgoto, o vermelho diz avante,
meu olho vermelho avança, rumos da revolução sangrenta

sou fuligem, isso me camufla
não passo de sombra, homem na multidão
– Paolo Pinocchio é meu amigo –

pois em setembro posso descansar, no hemisfério sul
os gerânios, suspensos nas janelas, vão chegar ao chão,
escadas quando a tarde cai

minha sombra sobe por ali, se é noite escura,
antes do galo, antes do tempo de cruzar os vales
mesmo com alguma alma, pena para quase nada

projeto para quase nunca, enfim sou máquina
meu cérebro não passa de séries de dados,
já não há acaso, tempo para tudo

mesmo nessa ilha, sob meu casaco –
pano para vida inteira, inclusive nas estampas do forro
aquele que ninguém vê

capa de quem anda à noite, na morada dos sóbrios
ninguém imagina, pois tornei-me um ébrio,
bebo sempre antes de sair de casa

antes de sair de Lemúria ou Eldorado,
lamento, não encontrei a morada dos deuses malditos,
nem o ouro das revoluções

a milhas e milhas daqui, o mesmo campo minado,
a poesia blindada dos que proclamam a guerra,
queria que meu corpo fosse tanque de guerra

sou retalho, estou aos pedaços
mas mantenho o verbo, lâmina afiada
boca para blasfemar

sei que são rãs, ouço seus coros
cigarras assomam em voo rasante
esses sons ecoam quando eu fodo

essas palas surgem quando eu falo
“o cão latiu na noite pela rua
seu raciocínio alcançava a Lua”

também medita uma cosmologia
esse cão é o demônio astuto, ele quem diz
o próximo passo é descobrir-se coxo

resolva essa contradição, sou seu enigma
mancar enquanto voa, esquadrilha das poupas
voo do Buraq e do Abutre

em uma noite escura
a noite do Buraq, por ventura
sem a burca, Buraq
sua boca me chupa
estando minha casa sossegada

filosofia pura
Buraq, cai pela filosofia
corpo – vejo suas pernas;
ânimo – sinto muito;
espírito? – apenas o das drogas

Buraq, sua voz..
papel de seda, selo em minha língua,
aceso, esse vulcão
lunático, são brasas
para o Buraq atravessar descalça

eis-me soturno, moça;
terminou a chuva, pássaro gris
pousou na minha sorte,
na seiva vegetal
que te escorria da boca, soçobra

este é meu ovo, Abutre,
voa sobre o mar cor de vinho, ave
dentro do ovo, dúvida
sobre você, meu urro
sublunar, forno para meu ouro

este é o orvalho, Abutre,
muco entre minhas coxas de mula
atraca-se comigo
já não tenho mais burca
posso voar por todas as esferas

sou sua rosa, ave,
seis pétalas... são três pares de asas..
meus pés, duas asas;
mais duas, em meu dorso
de mula; cabelos-asas-da-cuca

só te resta rezar
então, apenas ora, observa
toma meu Zippo, acende
aquela bomba, vamos
fumar enquanto o tempo passa, pássaro

) o teu Zippo dourado
Buraq, foi presente de algum
turista? (... estou calmo...
entrego, pela décima
vez, o líquido com sutilidade.

nosso laboratório,
abrem-se todas as janelas, nele,
posso enfim ver, Buraq,
como você é, voz,
não há poética que te descreva...

sempre demente, mora
na cabeça, poema cerebral
floresce, isso sei
de cor – evoco Flora –
é meu o ouro das revoluções

planície da delícia
em meu rosto, o Buraq passeia
levemente, sem lua,
nem sol a pino, só
sonho, o sonho lúcido do Abutre

são os ciclos das cores
Abutre, nem tudo é sempre escuro,
há tempo para o chumbo,
– tempo do livro mudo –
tempo de fumar a última ponta

então entende, Abutre,
o corpo há de fazer sentido, enfim
te trouxe aqui inteiro
no meu dorso de muitos
a poesia flui, sempre demente

então me fode, Abutre,
lê, relê, observa atentamente
o livro verde, letras
em meus cabelos soltos,
letras nas plantas dos meus pés descalços

Seraphim Pietroforte

de tanto esconder 50 gramas na calcinha
na confusão, me deixa alucinado
não sei se quando chupo sua boceta fico louco
ou se fico com tesão
quando fumo um baseado

quem diz que a droga mata anda errado
tampouco, acerta aquele que comenta
“usuário dá dinheiro a traficante,
promove, com seu vício, a violência”

prefiro dar dinheiro pra bandido
que vende, honestamente, seu produto
se pago imposto, não recebo nada,
sustento deputado vagabundo

violenta é a fala da polícia,
que fuça, no meu bolso, feito rato,
aumenta, com propina, seu salário;

a erva que se fuma só acalma,
trabalho mata mais do que cigarro,
por isso que eu fumo pra caralho!

Clube do Pico

para Caco Pontes

hoje eu tive uma ideia
dessas de deixar um homem rico
andando pela Zona Leste
vi a casa velha
vai ser lá o Clube do Pico

casa velha, suja, bem fodida
não precisa nada
sem cama, só colchão no chão
coberta e trapo
coisa de drogado

ponto de fazer função
dá pra fumar uns tapas
dá até pra esticar um tiro
no banheiro, na mesa, tanto faz
nada é escondido no Clube do Pico

começo sozinho, depois
vai chegando gente
só vai menina gostosa
só vai moleque bonito
menina beijando menina
vão lá no Clube do Pico

(pois no nosso clube
tem um quarto escuro
para quem tem sorte
nesse quarto escuro
tem picada forte)

a luz é lâmpada no teto
o som é rádio vagabundo
bebida? tem que trazer de casa
comida? tem que pedir pizza

mas cuidado, vai perder viagem
tem gente que entra, tem gente que não
cara de bermuda branca
mina com ideia torpe
fumante passivo
essa moçada, não!

vai ser tão famoso, que se alguém perdido
perguntar na rua, onde fica a festa
a resposta é certa:
segunda à direita
siga sempre em frente
você dá de cara no Clube do Pico

Flora

como fumar essa ponta erva que a memória acha
mas não consegue guardar?

infinito esse beijo
que a boca molha
mas precisa passar

e passa sim
passa a ponta propícia ao momento que passa

*Ao comprar habitualmente sua maconha,
repara nos encantos da filha da traficante*

por que a filha da traficante é tão proibida?
sei que ela é fina
branquinha feito cera
e a velha velará por ela na entrada.
tão generosa
facilitará o acesso, o ponto, a dose
significa o ingresso.
enquanto o prêmio dorme
será poste
atalaia;
na frente lembra a bela –
o paradoxo é olhar a velha
e viajar...

Ana Maria Isabell

mais mosquitos voadores
sobre os céus em guerra
ziz ziz ziz zuuuuuuuuuuum
zaummmmm
os mosquitos são os aviões de aço
sobrevoam as cidades de todos os países
todas as estradas
as fabulações negras são a noite
que já cai

agora a pouco
sal
sol
céu
tudo de bom
de bomba
hora de voltar

obra de arte
esse meu ofício?
creio que sim
que seja

que seja já
um haicai
uma cereja

irmã Lua
não demore
para iluminar
o solo
não sei o que significa solstício

sem mistério?
a areia quente, quase queima
agora, sob minhas veias, veios
sob minhas plantas, pregos
pedregulhos me furam feito parafusos
em que fuso fui parar
naquela noite tão negra?

no meio da rodovia
o amarelo ouro
nitesce?

diria brilha
ficaria ainda mais nítido
fincaria cada vez mais fundo

Akemi Korosu

encontrei john cage
ele me dizia akemi
coma cogumelos

akemi e os livros
lábia lebre lombra lumbra
umbral sem limite

Luiz Rupestre

ode número quatro

Na brisa, a música de Carlos Paredes.
Jamais pensei em compor assim
Explicitar uma ode com tanta clareza
Cujos passos, nos meus próprios átrios, são invenções livres.
E mesmo assim, sinto-me comovido,
Tudo se passa como se eu fosse fundo nisso
E o mar se abrisse ao meio para engolir outro faraó
Sua armada de vento, seu aparato político.
Dentro de mim, a fumaça se tomava visível nas radiografias,
Talvez meu coração pulsasse perfeitamente,
Encheria meus odres com o vinho verde feito no Minho.
As doze cordas de aço,
As pontas dos meus dedos são da cor de cinzas,
Podes encostar nelas a brasa do cigarro aceso
Que nada me tolhe.

ode número cinco

Por isso mesmo, imagino a cena,
Como seria, entre quatro paredes, fumar Um com Ernesto..
Qual música ele me diria: quero ouvir esta!
E se Ernesto, ao invés de música concreta,
Me pedisse um fado?
Como eu faria para lhe dizer: Ernesto, mas que surpresa!..
E ele respondesse lesto: – fados são para Os Amadores:
Desenho duma melodia
Amargura
O discurso

E depois da brisa, Ernesto? Como seria voltar?
Talvez ele dissesse assim:
Seria menos anarquista do que foi na ida:
“Àquelas que eu amei e me deixaram
às que me amaram, e eu deixei.”

ode número onze

Um ciborgue habita
Debaixo de minha pele,
Meu cérebro eletrônico permite verificar
Todas as possibilidades, o peio, o plano piloto
Da poesia concreta espero que ela se explique sozinha.
Sem tela para projetar os quadros, os frames voam por aí
Elegantemente... alguns truques,
E o mundo existe diante de si, linguagem,
Entre a luta de classes e, por meio da palavra,
A definição de tudo.

Enquanto isso, no passado remoto, ervas,
Como nos versos, caem os mesmos raios,
Como teria sido o primeiro gesto, diante da fumaça?
Deu-se conta de si, a mesma mente?
Então é assim, estou aqui?
Isso é o tempo?
Fome...?

A soma de todos os dados, o suco de algumas frutas;
Modos de proceder diante de tantos estímulos
Espírito para muito, ser mais um *homo sapiens*
Na jaula dos macacos.

A gruta no Alentejo dura
Suas pedras são as minhas pedras, Medusa,
Desde o dia em que te conheci.
Não espere ver os desenhos nas paredes curvas,
Não espere por cavalos, tigres, as palmas das mãos;
A lembrança é leve, mas ainda assombra.

A chuva cai diante dos primeiros homens;
Paisagem em difusão, confusa quando refrata
A luz se desvia alucinadamente, não sei se é chuva,
Não sei se foi efeito daquela fumaça,
Névoa que ainda se desprende, logo ali
Antes da clareira
Quente e seco, pois é fogo.

Pois então me perco, a procurar por ela:
Erva, agora nome para definir;
Terra, metáfora que te aproxima de mim;
Corista, ouço seu canto enquanto fuma;
Caverna, sou o último dos astronautas.

Procura pela própria frente,
Os extremos vão passar dos ombros,
O limiar é a própria fumaça
Sua órbita, outra gruta, nada como fruir
Estar entre a vegetação e as folhas.

Então sou cão, lobo na alvorada do verbo,
Antes da história se manifestar em traços de traços,
Das epifanias de Vênus e do Minotauro,
Da divisão do espaço, da demarcação dos Céus,
De saber quantos metros há daqui ao Sol.

Convidados

Ricardo Escudeiro

Dar uns tiros

mira o relógio pra ter em mente
feito um viciado
inconsciente
a quantas vai o extinguir
do pó do sempre
e entre um cigarro e o ponteiro
maquinal
pra si
mente
a fumaça intragável do tempo
indizível

só mais um tiro de rotina

Jeanine Will

a tarde me cala
e serena me embala
num papel de seda
sobre a mesa da sala

Roberto Bicelli

tartamudeando

PSILOCIBINA

as mentes vazias esquecidas
assistiam ao longe o desfilar dos felizes
eles sorriam todos sorriam
quem se lembraria de Pavlov?
uma floresta de palitos de fósforo
iluminou-se repentinamente
 a aranha balançava-se
 no fio mágico de suas entranhas
a velha balançava-se
.....
explodiu a bolha sufocante
a consciência passa de bicicleta na figura do carteiro

por instantes o MÉXICO com suas luzes
EU DEVO IR AO MÉXICO
perdido em AMNÉSIA o sacerdote distribuía hóstias
de peyote
a voz de sempre dizia
não há dois pontos
nada é definitivo
Nada é TUDO TUDO é Nada
a lógica suicidou-se num pé de couve
NADA É DEFINITIVO
(7) (8) (7) ()
as amnésias totais se fundiram
dissipou-se a catatonia
eis a realidade
grande ilusão do já visto
motores moviam gestos

todos eram engrenagens
nos cérebros fervilhavam UTOPIAS fantásticas
num instante apenas por instantes ouviu-se
NEVER O NEVER MORE
Poe e seu corvo maldito
nunca mais
sobre os homens panfletos de minha loucura
levanto aos pés do ABSURDO
um grito imenso na madrugada vazia
necessito de uma galáxia para brincar de roda
necessito do infinito para esquecer-me

.....

Le fumeur D'hash

“Gozado, é a primeira vez que não dá fome”

“É, mas nós comemos Pizza”

“Ele também comeu”

“Mas ele é diferente”

“Por quê?”

“Não sei”

Ademir Assunção

sombras cambaleando nos becos
(quinto monólogo interior de Lili Maconha)

Há homens limpos no meio da sujeira.
Há homens gentis no meio da loucura.
Eu sei que eles existem.
Posso vê-los em movimento no meio da neblina.
São como sombras cambaleando sob a luz fraca dos becos,
entre latas de lixo e gatos feridos.
Eles têm a cara cheia de uísque, cerveja, vinho e cicatrizes.
Eles são velhos, muito velhos.
Eles andam sozinhos pelas ruas mais sórdidas.
Às vezes se trancam em casa
e não conseguem sequer abrir as janelas.
Eles bebem muito. Eles fumam muito.
Eles leem histórias em quadrinhos
e dançam em cima dos muros das suas casas
quando estão sóbrios.
Eles mijam fora da privada quando estão muito bêbados
e às vezes adormecem com a cara enfiada na poça de urina.
Eles vão até o açougue e compram ossos para seus cachorros
quando conseguem algum dinheiro.
Eles ficam felizes olhando seus cachorros mascarem o osso.
Eles falam devagar e conseguem manter o olhar fixo,
durante muito tempo, em lugar nenhum.
Eles riem quando procuram a carteira pela casa toda
e a encontram caída dentro da privada
e olham para a capa de couro toda ensopada
e perguntam: “ei, o que você está fazendo aí?
eu a procurei por todo canto”.
Agora mesmo, um deles deve estar alimentando seu gato
com as últimas sardinhas que restaram
e tentando abrir a janela para a Coruja com Asas de Areia,
que bate contra o vidro, tremendo de frio.

Não consigo sentir mais quase nada,
não sei o que fizeram com a minha coragem,
nem com meu medo.

Mas sei que esses homens existem
e continuam vivos entre os escombros.
Posso senti-los por perto.

santa Maria Joana

erva santa dos xamãs
pode ser treva
pode ser canto
pode ser trava
pode cura
pode ser porta
pode ser cura
loucura
lança de shiva
dança da chuva

Lu Venegas

avesso distinto pra saci
ar o apetite apenas
com uma bufa
rinheira em cubículos

nós da ausência de crença
desatando a fantasia
de um amolador de facas

cigarros e mariposas
decantando na gua
pira clássicos

vários amanhã
por algum binóculo
abreviados pela sida

garoava em tu
curu
vi

Jaa Torrano

Jaa Drugstore

Logo que o descobriu dentro do herbário, Óphi Leukón começou a odiar Óphi Mélan.

Leukón operava uma das projeções do corpo astral, e assim averiguava cada planta, pedra & ser ándrico que viviam na circunscrição de seu herbário. E descobria uma plataforma primal, de que todos eles brotavam, subsolar. Aí, viu que o fitava Óphi Mélan com um olho estático.

Irado, persegue-o de revólver em punho, através de linhas angulares & curvas. Quando alcançaram u'a linha reta, Leukón alveja-o.

Leukón atinge Óphi Mélan, mas percebe que mata é a Óphi Oinóen, & vê que Oinóen é o próprio Mélan, embora Mélan não fosse Oinóen.

Mas Óphi Leukón estava já doido por ter descoberto a plataforma primal (que se converte em plantas, pedras & seres ándricos), muito alegre para se preocupar com um morto ou um fugitivo perseguidor.

* * *

Todo o Jaa Torrano fumava café, escrevia o cachimbo & bebia um poema, quando o chamou o dlii-ndloon da campainha e ele foi portabrir o seu apartamento. Entrou um chinês barbicha de voo sutil, um chinês de ombros de ferro, e u'a moça chinesa que teria uma orquídea logo abaixo do umbigo.

– Jaa Torrano, caso o Sr. Se recuse casar-se com minha filha, advirto-o que sofrerá pesada represália, disse o primeiro chinês.

– Eu não recuso nada. Mas quem é o Sr. & quem é a sua filha?

– Ts'ung-shên, o luminoso da dinastia T'ang, sou eu; este é meu filho Chao-Chou, e esta é minha filha Wu-an a quem o Sr. maculou, prendeu & denegriu.

– Sou um asceta contemplativo, e nem sabia que vocês existiam; como é que um agnus timens que nem eu poderia lhes fazer mal, ó lupi mali?

– Agnus nada, o Sr. é um mago nigérrimo & encantou minha filha Wu-an, que era um colibri & o Sr. transformou-o em u'a moça! Case agora com ela ou com a espada de meu dileto filho Chao-Chou!

E o outro chinês, o de ombros de ferro, tinha o braço terminado em u'a lâmina de aço, e emper-tigou-se fitando Jaa Torrano. A porta ainda aberta, e Jaa Torrano saltou sobre ela, trancando-se fora do apartamento. Aí, em segurança do lado de fora, falou:

Sr. Ts'ung-shên, sua filha Wu-an é belíssima & desejável, mas deixe-me entender esta situação!

Silêncio lá dentro. Jaa Torrano escutou & chamou de novo. Silêncio longo lá dentro. Jaa Torrano entreabriu a porta & adentrolhou. Penumbra. E o assoalho do apartamento estava úmido & esponjoso. Ninguém ali, nem mesmo os móveis de sempre, apenas penumbra & umidade. E de súbito Jaa Torrano compreendeu que se encontrava sozinho dentro do ventre de u'a Baleia Bíblica.

introdução ao cachimbo de JHWH

...et quieuit... GÊN.I,8.

Eu fumei céu e terra em seis deuses.

O primeiro cachimbo se chamou Phalos. O segundo Thálassa, porque lembravam pelo formato ou espírito essas coisas.

No terceiro mês, adquiri o cachimbo Magnus, cuja presença era enorme, e dele extraí plantas e árvores.

No quarto mês, extraí dele o sol, a lua e as estrelas.

No quinto, porque não tive cuidado com o preferido, ele começou a feder & eu chamei-o então de Magnus Filius Putae.

No sexto, ganhei o cachimbo José, que foi o meu companheiro protéico & por fim tornou-se homem.

E no sétimo dia eu me cachimbo & descanso, – enquanto a fumaça se faz fructum arboris scientiae boni et mali; e se comeres deste fruto, morrerás.

* * *

O número perfeito é o sete
porque existem sete
pontos cardeais: os 4 conhecidos mais 3
incompreensíveis: acima, abaixo & aqui.
O in-stru-mento per-feito é o cachimbo
porque situa-se no sétimo
lugar do coração.

O ca-chimbo portanto é incompreensível
a menos que se compreenda
os sete pontos cordiais que não existem
senão pela setiplicação do lugar do coração.

O cachimbo é a setimessência in-
compreensível
senão para quem nela se transmuta
perdendo sua própria existência
senão a (que está) no sétimo lugar
que é anterior ao primeiro.

Aqui eu fumo flores cachimbolicamente
porque estou onde não estão
nem o êxtase nem a existência
porque é povoado apenas por mim que não estou nem
sou senão o aqui.

Nem é Alfa & Ômega o arder
do cachimbo, mas o um & o sete.

Quando o cachimbo se cachimba
o mundo desde a Criação não é
senão o forninho & a expansão do fumo
como a do Espírito sobre as águas sem nome.
& assim perfaz o número sete
per-feito com as dimensões do mundo.

Gabriel Kolyniak

Cedo me preparo para o passeio irregular

Hesito em traçar
Símbolo ou carreira:
Polvo, dromedário

Crias de vida mínima
Afirmo traçando em branco
Seu retrato preso ao chão:

Ele pressente a vida anterior
Ele inclina seu canudo
Ele agita seus fótons
Ele renega seus animais

Ele se prepara
Para um passeio irregular.

Rua Grande é uma iniciativa do coletivo de poesia Polifemo

o coletivo também é responsável pela coleção Polifemo

prosa e poesia em livros e plaquetes:

2018

plaquetes

Polifemo – Seraphim Pietroforte e Lilli Ferreira

O senhor das dúvidas – Samael

A dialética da autoestrada – Ana Maria Isabell

Poesia engajada com alguma coisa – Seraphim Pietroforte

Carruca na cidade – Mathues Bueno

Cantos da meia-noite / I. Cantos técnicos – Seraphim Pietroforte

2019

plaquetes

A filosofia dos cabelos invertidos – Juliana Bruno

Malditos sejam todos vocês – Wagner Corsário

Carruca na loucura – Matheus Bueno

livros

Pureza da pauta – Seraphim Pietroforte

Ouvi – Matheus Bueno

Êxodo – Matheus Bueno